

## A ironia da imprensa de O Cavaleiro das Trevas<sup>1</sup>

Michel Miron de MELO<sup>2</sup>

Ricador Jorge de Lucenas LUCAS<sup>3</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar o elemento imprensa a partir da *graphic novel* “O Cavaleiro das trevas”. Como as distopias que Frank Miller, autor da obra, criou em sua obra, estão intimamente ligadas com a guerra fria, o aumento da violência nos Estados Unidos e um jornalismo cada vez mais marcante no cotidiano americano. Será também evidenciando a importância da obra para os quadrinhos, que por muitos motivos inovou o jeito de fazer a arte e de realizar críticas.

**Palavras-Chave:** *Graphic Novel*; Imprensa; História; Batman.

### Introdução

Considerada hoje como 9ª arte, as histórias em quadrinhos são entendidas não só apenas como uma fonte de entretenimento, mas também como uma fonte de análise de uma sociedade, dentro de seu cenário histórico e temporal.

No caso da História, os quadrinhos têm uma dupla função onde pode servir tanto como fonte de pesquisa histórica quanto um novo recurso onde os alunos possam interpretar o passado. Essa última possibilidade tem um potencial bastante significativo, já que o passado nem sempre pode ser facilmente ordenado e compreendido por jovens estudantes. Dessa maneira, o texto escrito que geralmente oferece o estranho passado histórico pode ser compreendido de uma nova forma. (PALHARES, 2008. p.13,14)

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante do 6º semestre do Curso de Jornalismo da UFC. E-mail: [michel.mirondemelo@gmail.com](mailto:michel.mirondemelo@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor dos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (ICA-UFC) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGC-UFC). Coordenador do projeto de extensão Oficina de Quadrinhos UFC. E-mail: [ricardo.jorge@gmail.com](mailto:ricardo.jorge@gmail.com)

Portanto, analisar uma obra que não só mudou os rumos dos quadrinhos até então como se mostrou ser uma forte crítica dos anos 80 (década em que foi publicado) é também analisar o passado, suas complexidades e seus acontecimentos.

### **A trajetória dos quadrinhos até então**

É bastante incerta a origem da narração em quadrinhos para a humanidade. Vários países aclamam sua autoria, além do forte debate sobre as pinturas rupestres serem ou não os primeiros quadrinhos que se têm notícia. Porém, o tipo de quadrinho que entendemos hoje, com balões, sarjetas e outras padronizações, ganhou grande forma e volume no primeiro terço do séc. XX nos Estados Unidos. Inclusive, histórias de aventura, não focadas muito no humor, ganharam grande força no período.

O crack da Bolsa de Valores em 1929 foi um ponto importante na história da história em quadrinhos, e nos anos 30 eles cresceram, invadindo o gênero da aventura. Flash Gordon, de Alex Raymond, Dick Tracy, de Chester Gould e a adaptação de Hal Foster para o Tarzan de E. R. Borroughs são conhecidos como o início da A Era de Ouro (Golden Age). Nesta década, três gêneros essenciais eram produzidos: a ficção científica, o policial e as aventuras na selva. (JARCEM e NASSAU, 2007 p. 2,3)

Na década de 50, um grande debate sobre temas adultos em histórias em quadrinhos se alastrou pelos Estados Unidos, causando uma bolha de censura nas editoras da época, que se viam obrigadas a mudar o conteúdo do seu material. Tudo começou com Frederick Wertham, psicanalista que publicou “A sedução dos inocentes”, livro que parecia mostrar o perigo da exposição de conteúdos adultos para jovens. Assim, o governo passou a criar um selo de qualidade para os quadrinhos que seguirem as normas pré-estabelecidas de conteúdo, mudando totalmente o rumo das histórias em quadrinhos daquela época em diante, visto que o selo gerava credibilidade.

Apenas nos anos 70 foi que o ramo começou a se reerguer contra tais problemas, chegando ao seu ápice na década de 80. Segundo Oliveira e Passos (2006), “*Nos anos 80, enfim, as HQs norte-americanas passaram por uma revolução: Frank Miller, em Demolidor: o homem sem medo e Batman: o cavaleiro das trevas, e Allan Moore, em V de Vingança e Watchmen, reinventaram o gênero dos super-heróis, criando tramas maduras e complexas.*”

### **O Cavaleiro das Trevas**

Publicada em 1986, escrita e desenhada por Frank Miller, “O Cavaleiro das Trevas” é até hoje não só uma das maiores inspirações para o Batman atual, sombrio, cínico e solitário, como também um dos expoentes da 9ª arte. A história começa no aniversário de 10 anos da aposentadoria do super herói que, aparentemente feliz e desfrutando de novos hábitos, vê-se novamente dentro do redemoinho de criminalidade (cada vez maior) de *Gotham City* e acaba por voltar para a ativa, mesmo o mundo não sendo mais o mesmo.

A obra, dividida em quatro edições pelo selo da DC Comics, até hoje passa por muitos relançamentos aqui no Brasil pela editora Panini. Vanguardista em muitos sentidos, Frank Miller rompeu inúmeras barreiras impostas décadas atrás. Para entendê-las é necessário entender a formação dos quadrinhos nos Estados Unidos.

### **Os anos 80**

Então os anos 80, adequadamente chamados de Era Reagan, chegaram. Era uma época ótima para acompanhar os noticiários e produzir histórias em quadrinhos. Um período repleto de graves ameaça, forças impressionantes e eventos incrivelmente tolos produzidos pela mídia. O índice de criminalidade explodiu. A comédia também. Eram tempos cheios de raiva, acidez e humor. E a televisão mostrou a que nível a estupidez poderia chegar. Mesmo que apenas por um momento. (MILLER, 2006, não paginado)

. Para entendermos melhor a razão por trás de tantas ironias, sensacionalismo e futilidade que Frank Miller nos passa ao retratar não só imprensa de seu universo, como também sua população, é necessário compreender a década de 80 nos Estados Unidos.

O caos estabelecido na época, em si, foi fundamental para o rompimento com as

velhas políticas sobre quadrinhos, bem como seus medos. Era visível, principalmente pela imprensa, o absurdo aumento da criminalidade no período, atrelado com um constante e aterrador medo de uma guerra nuclear com a antiga União Soviética. Os Estados Unidos se viam em um processo de ruptura em várias camadas da sociedade e ramos do conhecimento. As *Graphic Novels*, portanto, não poderiam estar fora disso.

“De fato, os Estados Unidos tiveram severo crescimento nas taxas de violência juvenil durante os anos 1980 e o início dos anos 1990. [...] O número de prisões de jovens por crimes violentos (ou seja, assassinato, estupro, roubo, assalto agravado) cresceu 64 por cento entre 1980 e 1994. Prisões de jovens por assassinato aumentaram 99 por cento durante o período”. (BUTTS; TRAVIS apud MENEZES 2009, p. 16)

### **As mudanças que Frank Miller causou**

Para entendermos melhor o impacto de Miller não necessariamente nos quadrinhos, mas especificamente em Batman, precisamos ter uma noção de como era o homem morcego em sua criação com Bob Kane e suas continuidades, antes da perturbada década de 80.

Criado na famosa era de ouro (período que cerca os anos 30) e que serviu de berço para várias histórias que ainda hoje se perpetuam (como o próprio Batman, Superman, etc) o homem morcego era sombrio em seu tempo, mas depois da crise de censura da década de 50, já mencionada, Batman passou por algumas mudanças que o deixou muitas vezes cômico. Um exemplo foi o seriado americano do herói, nos anos 60, extremamente humorístico e que muitas vezes trazia episódios musicais.

Os anos 70 chegaram com seus quadrinhos *underground* (ou seja, pouco conhecidos, sem selo) com uma pegada mais adulta. Quando Miller passou a escrever e desenhar e com o passar do tempo ficar famoso, não só o período histórico o ajudou a quebrar antigos laços, como também a própria violência e o medo ao seu redor o inspiraram.

Todos os medos e efervescências aliados a uma imprensa cada vez mais forte e ativa na sociedade americana serviu de enorme combustível para Frank Miller que, já conhecido por trabalhos mais adultos e sombrios, ditou o tom de “Batman” ao longo de suas futuras edições, como também moldou o jeito de fazer quadrinhos de super herói.

O Cavaleiro das Trevas mudou as regras do meio para sempre. Em quatro edições, Frank Miller explorou a idéia, o mito, do Batman e o poder simbólico que ele (e todos os heróis) representa. Simplificando, os heróis eram faróis em um mundo sombrio e o mundo nunca havia sido retratado de forma tão sombria. (BROADDUS apud MENEZES, 2006, p. 11)

### **A televisão de *Gotham city***

O relativismo com que as pessoas deparam a cada dia em torno de inúmeras questões, inclusive cotidianas, é reforçada pela televisão. Em geral, os espectadores assistem-na sem parar para refletir se o programa diz a verdade ou encena uma ficção. (NOGUEIRA, 2000, p.123)

O Objetivo desta parte do artigo é analisar, de fato, a imprensa em “O Cavaleiro das Trevas”. A HQ é dividida em 4 capítulos, porém foram recortados apenas alguns trechos mais importantes que começam a partir do meio do segundo capítulo. Vale ressaltar que a imprensa perpassa durante toda a obra, muitas vezes como um personagem principal que narra a trama.

Não, Frank Miller usa e abusa da televisão e “destila seu veneno” ao representá-la de forma absolutamente estereotipada, paródica e caricatural. Praticamente todos os personagens que figuram na televisão em O Cavaleiro das Trevas são caricaturas, especialmente os (fictícios) profissionais e especialistas da mídia e os (não tão fictícios) governantes. (MENEZES, 2009, p.69)



Segundo capítulo, página 39 (imagem 01)

Aqui, temos a ancora do jornal local, Lola Chong, dando sua contribuição para a ironia do jornalismo na obra. Mais abaixo, serão comentados outros momentos que o mesmo acontece.

A apresentadora Lola Chong é simplesmente o retrato, mordaz por sinal, da idiotice e futilidade da mídia televisão. A apresentadora está sempre feliz, noticiando mortes e desastres. Prefere se preocupar com a roupa para vestir do que com o possível fim do planeta [ver Figura 7]. É vazia de vida psicológica, assim como a TV é vazia de realidade: só seleciona e exagera alguns aspectos dela. (RUTKOWSKI apud MENEZES, 2006, p. 70)

Ao longo da obra, podemos perceber que gradualmente a televisão de *Gotham City* vai ganhando mais acidez e ironia. Em determinado momento, o prefeito da cidade, na tentativa de dialogar com o líder preso de uma gangue chamada “Mutantes”, acaba sendo assassinado pelo criminoso, dentro de uma cela. Na figura 01 podemos perceber, de maneira sensacionalista, o jornal local aclamar ter conseguido o vídeo do assassinato e comentar que “as cenas são desaconselháveis para pessoas sensíveis”, vindo logo atrás de um “fiquem ligados”.

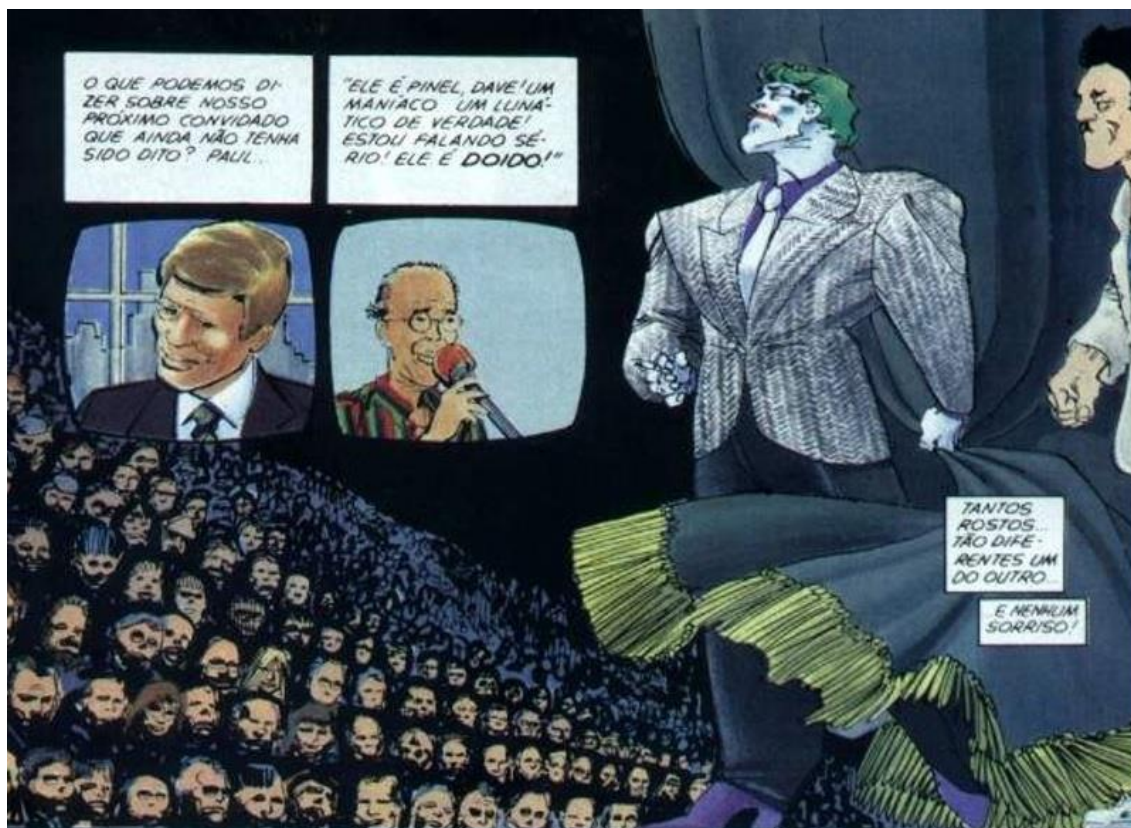
Pode-se também compreender um sadismo ao demonstrar falta de ética em veicular imagens de violência de uma figura pública, sem nenhum motivo aparente senão a busca por entretenimento.



Capítulo 3, página 15 (imagem 02)

Pelo meio do 3ª capítulo, há um importante evento para história: A entrevista com o Coringa que termina com sua fuga e o assassinato de todas as pessoas no estúdio de gravação. O vilão de início estava catatônico desde a aposentadoria de Batman, que volta ao normal logo após da volta do homem-morcego. Seu psiquiatra, convicto de que o coringa está curado e pode voltar a viver normalmente em sociedade, inspira a imprensa local, ávida por entretenimento, a realizar um programa ao vivo com o assassino.

Na imagem 02, temos a tomada de um apresentador que, com uma piada extremamente irônica e de mau gosto em termos normais, faz uma chamada para entrevista do dia seguinte, avisando que “Um homem que trouxe muitos sorrisos ao mundo” será uma das atrações, assim como a sexóloga Ruth Weisen Heiner.



Capítulo 3, página 23 (imagem 03)

Logo mais a frente, na imagem 03, chega o dia da entrevista e do momento que o Coringa é confrontado por centenas de pessoas em uma plateia. Com outra visível tirada sarcástica, provavelmente de um comediante do programa, o palhaço é apresentado para o público não como uma pessoa doente ou um assassino mas apenas como mais outra atração.





Capítulo 3, página 24 (imagem 04)



Capítulo 03, página 24 (imagem 05)



Capítulo 03, página 26 (imagem 06)

As ironias ao longo do programa não param, ainda por cima quando o apresentador do programa faz um comentário sobre o número de vítimas que o coringa fez ao longo de sua vida de crime. Percebemos aqui também que Miller faz chacota

através do psiquiatra do Coringa, que mede ameaças de seu paciente apenas como uma tentativa de quebrar o gelo com a plateia, como é possível observar na imagem 05.

Enquanto ainda na imagem 05 podemos perceber o psiquiatra do Coringa alegando que seu paciente é nada mais do que uma vítima da psicose de Batman, no quadrinho 06 vemos o psicopata fazendo sua primeira vítima depois de 10 anos, a sexóloga que participava do debate. Colocando antes da entrevista um batom em seus lábios com “Smilex” (Substância nos quadrinhos que, quando entrada em contato com um ser humano, é capaz de fazê-lo morrer de tanto rir) Coringa beija a senhora e a mata logo em seguida.

### A imprensa e a Guerra Fria



Capítulo 03, página 17 (imagem 07)

Esta parte do artigo também será reservada para analisar alguns quadros da obra, mas dessa vez para observar também a participação da Guerra Fria no quadrinho, junto com a caricatura do presidente dos Estados Unidos da época Ronald Reagan.

Na imagem 07, vemos um comunicado oficial e ao vivo do presidente para a nação, que diz respeito a invasão da ilha fictícia de Corto Maltese, palco no quadrinho de conflitos ideológicos entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Mostrando ironia, mesmo sem querer, o Presidente se corrige algumas vezes durante o comunicado, brincando com o patriotismo americano em “As tropas américa... quer dizer, as **heroicas** tropas americanas”, zombando do pretense objetivo americano em “temos que assegurar o nosso... aham... lutar pela causa da liberdade!”. Por fim, Ronald Reagan pisca para a tela e diz que não necessariamente Deus está do lado americano, mas ao menos algo tão bom quanto ele que, no caso, é o Superman, que garante a vitória dos Estados Unidos em Corto Maltese logo após o comunicado.

O presidente dos Estados Unidos que aparece na HQ não é referido nenhuma vez por seu nome, mas fica bastante claro pelos desenhos (e, de certa forma, pelas suas próprias atitudes na história) que se trata de (uma versão de) Ronald Reagan, presidente norte-americano na época em que O Cavaleiro das Trevas foi concebido. (MENEZES, 2006, p.69)



Capítulo 04, página 13 (imagem 08)



Capítulo 04, página 13 (imagem 09)

Nas imagens 08 e 09 vemos mais outro comunicado do Presidente que, dentro de uma roupa anti radioatividade, comunica a nação de que Corto Maltese foi conquistada, mas que os soviéticos são “péssimos perdedores”. Dando assim a entender que os Estados Unidos serão alvejados por armamento atômico. Aqui, Miller destila ao máximo seu veneno não necessariamente á imprensa, mas objetivamente ao presidente americano, que ironicamente faz pouca questão do povo americano e da população. Aqui, a realidade é distorcida ao máximo para gerar o maior impacto possível às instituições da década de 80.



Capítulo 04, página 35 (imagem 10)

Na imagem 10, temos também talvez o ápice da ironia e falta de empatia da imprensa na *graphic novel*. Depois da explosão da bomba atômica ter sido parcialmente desviada por “Superman” e no caso, *Gotham City* ter sido sofrido com os efeitos colaterais da bomba, como um Pulso eletromagnético que desligou tudo de eletrônico na cidade e depois um céu de cinzas, diminuindo drasticamente a temperatura da cidade,

simulando a estação do inverno, os jornais voltaram ao ar após uma semana sem funcionar.

Enquanto uma especialista relata o acontecimento e suas catástrofes, a âncora, Lana Chong, busca sempre desvirtuar a conversa tentando relacionar o assunto com futilidades, como esquetes de entretenimento de “Onde você esteve quando as luzes se apagaram?”.

Quando a âncora ainda tenta voltar o assunto, visivelmente abalada e inclusive, repleta de ferimentos em detrimento da catástrofe, Lana Chong novamente corta o assunto, novamente com um sorriso, para um editorial de moda e os problemas pela falta de roupas para o inverno.

### Considerações Finais

É preciso muito mais que um artigo para se analisar todos os elementos que fazem de “*O Cavaleiro das Trevas*” um dos quadrinhos mais importantes do seu tempo. Seu vanguardismo, críticas, elipses e narrativas elevam Frank Miller a genialidade, mudando para sempre o cenário dos quadrinhos não só da época, mas até hoje.

Comentar a imprensa da obra, seu veneno e ironia, é revisitar a imprensa na própria década de 80. Obviamente que Frank Miller faz exageros e distorções da realidade, porém assim, ele tenta mostrar como a imprensa poderia ser, que rumos aquele caos vindo dos medos e quebras de paradigmas poderia causar na sociedade americana. A Guerra Fria e todo seu conflito ideológico marcaram profundamente os quadrinhos da época, mudando rumos de histórias de acordo com determinada censura ou ideal político.

Nesse contexto, os quadrinhos de super-heróis voltariam mais uma vez a assumir um papel atuante, a exemplo do que vimos ter ocorrido durante a segunda guerra mundial, representando as idéias de seu tempo. A editora Marvel Comics se destacou então com a criação de inúmeros personagens que adquirem poderes envolvendo pesquisas com radiação, tais como: Homem-Aranha, picado por aranha radioativa (1963), Hulk, exposto a radiação em experimentos militares (1962), Demolidor, acidente com materiais radioativos (1968), entre outros. (KRAKHECKE, 2009, p.63)

## Referências Bibliográficas

JARCEM, René Gomes Rodrigues. **História das Histórias em Quadrinhos**, n.5 Setembro, 2007. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao5setembro2007/06-historia-hq-jarcem.pdf>

KRAKHECKE, Carlos André. **Representações da guerra fria nas histórias em quadrinhos Batman – O cavaleiro das trevas e Watchmen (1979-1987)**. Porto Alegre. 2009. Disponível em: <http://meriva.pucrs.br:8080/dspace/bitstream/10923/3770/1/000416433-Texto%2bCompleto-0.pdf>

MENEZES, Kauê Pereira. **A Televisão em O Cavaleiro das Trevas**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e comunicação. Porto Alegre:2009. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22693/000740169.pdf?sequence=1>

MILLER, Frank. **Batman: O Cavaleiro das Trevas**, n.1. São Paulo: Abril, 1997a.

\_\_\_\_\_. **Batman: O Cavaleiro das Trevas**, n.2. São Paulo: Abril, 1997b.

\_\_\_\_\_. **Batman: O Cavaleiro das Trevas**, n.3. São Paulo: Abril, 1997c.

\_\_\_\_\_. **Batman: O Cavaleiro das Trevas**, n.4. São Paulo: Abril, 1997d.

\_\_\_\_\_. **Batman: O Cavaleiro das Trevas – Edição Definitiva**. São Paulo: Panini, 2006.

NOGUEIRA, Adriana Cardoso. **Violência nos Telejornais: a Realidade Espetacularizada**. Campinas, 2000. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000236040&fd=y>

OLIVEIRA, Ana Paula Silva e PASSOS, Mateus Yuri. Joe Sacco: **Jornalismo Literário em Quadrinhos**. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/7632430043936828554930579121530054555.pdf>

PALHARES, Marjory Cristiane. **História em Quadrinhos: Uma Ferramenta Pedagógica para o Ensino de História**. Paraná. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2262-8.pdf>